Religare, ISSN: 19826605, v.14, n.1, agosto de 2017, p. 198-201.

Resenha

CAMPBELL, Joseph. *Deusas:* os mistérios do divino feminino. São Paulo: Palas Athena, 2015, 350p.

Marcio Luiz Quaranta Gonçalves[1]

Editado pela Dra. Safron Rossi e publicado nos Estados Unidos pela Fundação Joseph Campbell em 2013, o livro apresenta seu texto embasado no conteúdo de mais de vinte palestras ministradas por Campbell, de 1972 a 1986, sobre as deusas – imagens, funções, símbolos e temas do divino feminino –, acompanhando suas transformações no tempo e no espaço, desde a Grande Deusa do período Paleolítico, passando pelas deusas dos mitos da Europa e Ásia, até sua presença nos dias atuais, via tradições mitológicas ou de modo relativamente disfarçado, dentro do Cristianismo: em suma, a obra narra a transformação e a persistência dos poderes simbólicos arquetípicos do divino feminino. A publicação foi lançada no Brasil em setembro de 2015.

Os capítulos acompanham a história humana ao longo do tempo e começam com uma "Introdução sobre a Grande Deusa" (um resumo do histórico da Deusa até a época do Império Romano); em seguida, em "Mito e o Divino Feminino", o autor enfoca o período Paleolítico e seus humanos caçadores coletores, cujos machos participavam de ritos de iniciação e de rituais mágicos voltados ao sucesso na caça de animais, pintavam a estes e a xamãs nos antros

[1] Mestre em Educação pela UNISO (Universidade de Sorocaba), autor de artigos publicados nas Revistas Gaia Scientia e Caminhos, de resenhas de livros publicadas nas Revistas Religare e Gaia Scintia. Analista Ambiental, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - aposentado. Pesquisador autônomo em Ciências das Religiões.

mais recônditos das cavernas, enquanto a mulher, coletora, tinha seu corpo mágico doador da vida representado nu em estatuetas com quadris e seios exagerados, quando se via a Deusa como Natureza. Na sequência, em "Deusa Mãe Criadora: Neolítico e início da Idade do Bronze", quando o elemento feminino passa a ser identificado com a agricultura, a vida semeada no solo e a posterior colheita do alimento – tema da morte a gerar a vida –, o culto à Deusa atinge seu o auge nas recém-fundadas aldeias e cidades (inicialmente na Mesopotâmia, logo após no Egito).

"O influxo Indo-europeu" aborda o rompimento do primado do feminino (teoria de Marija Gimbutas, adotada por Campbell) pela chegada de povos agressivos, oriundos de uma região correspondente à atual Rússia europeia, com um novo animal doméstico, o cavalo, facilitador de uma locomoção rápida, que valorizavam o elemento masculino, adoravam deuses lançadores de raios e se espalharam por toda a Europa e pela Ásia, ao menos até a atual Índia (sugerido inicialmente por argumentos baseados na linguística, o fato histórico foi cientificamente comprovado pelo resultado de três estudos genéticos publicados em 2015). Em "Deusas da Suméria e Egito e o influxo Semita", após o relato de ritos cíclicos que compreendiam a eliminação periódica de soberanos e o enterro de acompanhantes às centenas em seus jazigos, depois abrandado e tornado simbólico, relata-se a chegada dos povos semitas aos locais onde floresciam elevadas civilizações no Oriente Médio, evento ainda mais destrutivo que o influxo indo-europeu, devido à intolerância semítica arraigada em relação à Deusa, em especial pelos hebreus, que a abominaram e praticamente a anularam nas suas Escrituras Sagradas (a Queda e a expulsão do Paraíso – pelo erro de Eva, versão má da Deusa, aliciada pela serpente), viés influenciador das futuras religiões brotadas na mesma região geográfica.

Assentados nas novas terras os indo-europeus, seu contato com habitantes mais antigos permitiu que culturas diferentes se permeassem e brotassem novas civilizações com um reequilíbrio entre os elementos masculino e o feminino: em

"Deusas e Deuses da Grécia Clássica", relata-se como várias deidades femininas, fragmentos peculiares da Deusa, mantiveram parte de seus atributos (exemplo: a ligação de Ártemis à Natureza) e formaram casais com deuses trazidos pelos invasores (algo similar ocorreu na Índia). Um capítulo particularmente interessante aborda e analisa detalhes dos poemas "Ilíada e Odisseia" (a primeira com típico caráter indo-europeu, masculina, guerreira, enquanto a segunda revaloriza a Deusa a partir de personagens como a feiticeira Circe, a sedutora Calipso e a virgem Nausícaa, retratos escritos de deidades femininas do panteão grego). A seguir, em "Os Mistérios da Transformação", Campbell descreve cultos ocultos e de iniciação da Grécia Clássica, ligados à antiga Deusa, como os mistérios de Elêusis, em que participavam Deméter e Perséfone e havia oferendas de trigo, os ritos ligados ao deus do vinho Dionísio e os órficos – como ele já salientara na obra "Máscaras de Deus: Mitologia Ocidental", aqui se localizam raízes profundas do ritual da Comunhão da Missa da Igreja Católica Apostólica Romana (Com o quê se prepara uma hóstia? Trigo. O que o padre bebe após ingeri-la? Vinho.).

O capítulo "O Amor: a presença do feminino no Romance Europeu" discorre a respeito do amor cantado pelos trovadores, negação do casamento arranjado, o amor romântico que chegou à atualidade, e explica como a síntese de três culturas e religiões levou à criação das Lendas Arturianas, feliz contribuição da Alta Idade Média (e de escritores como Chrétien de Troyes) à riqueza imaterial humana e, ademais, destaca a importância inegável da Virgem Mãe naquela época e no posterior Renascimento.

A "Madonna", tão representada nas Artes, venerada pelos católicos, mediadora, Theotokos, a Mãe de Deus (Concílio de Éfeso, ano 431 – cidade onde havia um templo dedicado a Ártemis) e, do ponto de vista do famoso mitólogo, quase uma versão nova e completa da Deusa, agrega praticamente todos os atributos que esta última apresentou ao longo dos milênios em que foi (e continua a ser) adorada. O tema do Nascimento Virginal, ausente na mais antifeminina

mitologia, a hebraica, que nega e condena a Deusa, nada mais significa que o renascimento espiritual após um rito de iniciação; este demanda a travessia de portais perigosos guardados por anjos (o Paraíso terrestre após a expulsão do casal primeiro), por demônios ou por animais ferozes como leopardos ou leões (este, uma companhia habitual da Deusa).

O texto de Campbell flui com muita leveza e ricos detalhes sobre temas como os mistérios de iniciação, que incluem a prática de sacrifícios humanos e de animais como o porco, animal domesticado proveniente da atual China, representante ctônico, do mundo ínfero, por suas presas voltadas para baixo, ou o Touro, cujos cornos apontam para o céu, relacionados à Deusa e à Lua; explica porque estas duas são intimamente se ligam, porque a segunda se conecta profundamente com a vida (luz) e a morte (sombra), com o tempo e o espaço (já o Sol se desliga de ambos), é masculina em algumas mitologias, em outras é feminina (sempre oposta ao Sol); elucida o significado de outros seres frequentemente citados nos mitos (cão, touro, bode, leão, serpente etc.); refere-se a livros sagrados, rituais e mitologias de culturas do mundo inteiro, comparando-os; utiliza autores como Jane Harrison, Carl Kerényi e Marija Gimbutas como referências; confirma suas ideias com o apoio das palavras de pensadores como Schopenhauer, Goethe e Nietzsche – aliás, uma citação do "Fausto", a obra-prima do segundo, cumpre o lídimo papel de um motivo condutor desta obra sobre as deusas: "O eterno feminino / nos leva adiante". Tudo isso para comprovar a presença de uma energia/consciência que forma e vivifica tudo, para revalorizar o princípio dos opostos complementares, bem e mal, luminoso e escuro, masculino e feminino, angélico e diabólico, vida e morte, céu e terra, transcendente e imanente, presentes na mesma eterna figura: a Deusa. Ou, se preferirem, em Inanna (Suméria), Ísis (Antigo Egito), Ístar (Babilônia), Afrodite (Grécia Clássica), Kālī (Índia) e, sem exagero ou heresia, conforme o autor, na Virgem Maria.